

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA

CAROLINE NASCIMENTO MOREIRA

**A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) RELATOS
SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CLÍNICA E DA ESCOLA NA SUA TERAPÊUTICA**

Imperatriz

2023

CAROLINE NASCIMENTO MOREIRA

**A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) RELATOS
SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CLÍNICA E DA ESCOLA NA SUA TERAPÊUTICA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCIM,
como requisito parcial para obtenção do Grau em
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Simone Regina Omizzolo

Imperatriz

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Moreira, Caroline Nascimento.

A criança com transtorno do espectro autista TEA
relatos sobre a importância da clínica e da escola na
suaterapêutica / Caroline Nascimento Moreira. - 2023.
41 f.

Orientador(a): Simone Regina Omizzolo.
Curso de Pedagogia, Universidade Federal do
Maranhão, UFMA campus Centro, 2023.

1. Criança. 2. Terapia ABA. 3. Transtorno do
espectro autista. I. Omizzolo, Simone Regina. II.
Título.

CAROLINE NASCIMENTO MOREIRA

**A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) RELATOS
SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CLÍNICA E DA ESCOLA NA SUA TERAPÊUTICA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCIM,
como requisito parcial para obtenção do Grau em
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Simone Regina Omizzolo

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Simone Regina Omizzolo – Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr.^a Rita Maria Gonçalves de Oliveira –
Examinadora Universidade Federal do
Maranhão

Prof.^a Dr.^a Francisca Melo Agapito – Examinadora
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho ao meu filho, minha razão de viver, aos meus pais e ao meu esposo que durante os anos de caminhada nos estudos me auxiliaram e apoiaram até eu conseguir alcançar essa conquista em minha vida profissional.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, pois em ele nada disso seria possível.

Agradeço a minha família e ao meu esposo, pilares da minha formação como pessoa e como profissional, pelo amor incondicional recebido em todos os momentos difíceis durante a minha trajetória acadêmica.

Aos meus amigos que eu conheci durante o curso de Pedagogia na UFMA, pelas incontáveis horas de estudos em que estivermos juntos.

Agradeço também a minha professora e orientadora Simone Omizzolo por ter aceitado a me acompanhar nesse projeto, fornecendo todas as bases necessárias para a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo geral discutir como a Análise do Comportamento Aplicada - Terapia ABA, utilizada no tratamento e acompanhamento das crianças da educação infantil com Transtorno do Espectro Autista - TEA está correlacionada com professores, pedagogos e família como meio facilitador e promotor do desenvolvimento educativo da criança. Foi norteadada pelos seguintes objetivos específicos: conhecer as experiências dos profissionais envolvidos no acompanhamento e desenvolvimento da criança com TEA e analisar se essa prática pedagógica utilizada é adequada ao objeto de estudo. Desenvolvido mediante uma pesquisa de campo, com uma pesquisa qualitativa, através de entrevista e coleta de dados de profissionais devidamente habilitados. Através dos autores que fundamentam o trabalho, como Ponso (2022), Santos (2018), Silva (2013), Carvalho (2006) e Severino (2007). Visto que o índice de crianças em idade escolar com TEA vem aumentando a cada ano, sendo assim reforça a necessidade da importância desse acompanhamento clínico inserindo também o acompanhamento escolar para assim proporcionar o desenvolvimento da criança. Portanto esse trabalho contribuirá com a comunidade acadêmica e demais profissionais, fornecendo relatos de uma realidade no qual estamos inseridos e vivenciando para assim chegarmos a um denominador comum: fortalecer o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico de uma criança que seja diagnosticada com esse transtorno.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Terapia ABA. Criança.

ABSTRACT

This monograph has the general objective of discussing how Applied Behavior Analysis - ABA Therapy, used in the treatment and monitoring of children in kindergarten with Autistic Spectrum Disorder - ASD, is correlated with teachers, pedagogues and family as a facilitator and promoter of the child's educational development. It was guided by the following specific objectives: to compare the experiences of professionals involved in the monitoring and development of children with ASD and to analyze whether this pedagogical practice used is adequate for the object of study. Developed through field research, with a qualitative research, through interviews and data collection from duly qualified professionals. Through the authors that support the work, such as Ponso (2022), Santos (2018), Silva (2013), Carvalho (2006) and Severino (2007). Since the rate of school-aged children with ASD is increasing every year, thus reinforcing the need for the importance of this clinical follow-up, also including school follow-up to provide the child's development. Therefore, this work will contribute to the academic community and other professional, providing reports of a reality in which we are inserted and experiencing so that we can reach a common denominator: to strengthen the cognitive, emotional, social and physical development of a child who is diagnosed with this disorder.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. ABA therapy. Child.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABA	Análise do Comportamento Aplicado
AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCIM/UFMA	Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão
DCN	Diretriz Curricular Nacional
DSM-IV-TR	Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PEI	Plano de Ensino Individualizado
PPP	Projeto Político Pedagógico
TDAH	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
VB-MAPP	Verbal Behavior-Milestones Assessment and Placement Program

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	13
3	TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): O DESAFIO PARA EDUCADORES NOS DIAS ATUAIS	18
4	ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (TERAPIA ABA) A CONJUNÇÃO DA ESCOLA E DA TERAPIA CLÍNICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TEA.....	23
5	METODOLOGIA	27
6	RELATO DE EXPERIÊNCIA.	28
6.1	Entrevista com a Pedagoga “Maria”.....	28
6.2	Primeiro Seminário TEA em Nossas Vidas	35
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	42

1 INTRODUÇÃO

A base para o processo de aprendizagem se inicia na educação infantil, ela é a primeira etapa da educação básica, consiste na educação de crianças de zero a cinco anos de idade. Possui como objetivo principal potencializar e desenvolver a capacidade intelectual, cognitiva e social das crianças.

O início do processo de escolarização das crianças está acontecendo cada vez mais cedo se comparado há 10 anos. Isso pode estar acontecendo pela necessidade de os pais precisarem trabalhar como também pela busca de estimular as áreas cognitivas das crianças com auxílio de pessoas especializadas. Com o ingresso mais cedo na escola e com o acompanhamento adequado é possível detectar mais facilmente se a criança apresentar comportamentos que estão fora do padrão para a idade.

Algumas crianças podem apresentar alguma dificuldade em alcançar os objetivos da educação infantil, necessitando de acompanhamento diferenciado em sala de aula, um dos fatores que podem levar a essa dificuldade é o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O autismo reúne desordens no desenvolvimento neurológico, podendo apresentar déficit na comunicação social ou interação social, alterações comportamentais e comportamentos repetitivos.

Assim, apesar de existirem vários tipos de TEA, uma criança com TEA, tem uma capacidade e facilidade de assimilação de conhecimento maior. Existe uma grande associação entre autismo e deficiência mental, desde o leve até o severo, sendo que se considera que a gravidade desta deficiência mental não está necessariamente associada à gravidade do autismo (SILVA, 2012).

Logo crianças que apresentem características de transtornos como o TEA podem ser diagnosticadas mais cedo, com isso a escola pode estar desenvolvendo atividades específicas para crianças que apresentem esse tipo de transtorno. Por esse motivo, com o crescente aumento no número de diagnósticos de crianças com TEA vê-se a necessidade de discutir algumas atividades específicas, como a Terapia ABA – Análise do Comportamento Aplicado, com a finalidade de estimular adequadamente a cognição dessas crianças auxiliando no tratamento e acompanhamento das mesmas na escola e no acompanhamento terapêutico.

A pesquisa realizada apresenta-se de natureza qualitativa, no qual conforme Godoy (1995) a pesquisa qualitativa estuda as várias possibilidades dos fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais em ambientes diversificados. Como

também foi utilizada à pesquisa de campo, onde a coleta dos dados é realizada em seu próprio ambiente, em condições naturais (SEVERINO, 2001). Os principais autores que fundamentam o trabalho são Ponso (2022), Santos (2018), Silva (2013), Carvalho (2006) e Severino (2007).

Apresenta como objetivo geral discutir como a Terapia ABA, utilizada no tratamento e acompanhamento das crianças da educação infantil com Transtorno do Espectro Autista está correlacionada com professores, pedagogos e família como meio facilitador e promotor do desenvolvimento educativo da criança, conhecer as experiências dos profissionais envolvidos no acompanhamento e desenvolvimento da criança com TEA e analisar se essa prática pedagógica utilizada é adequada ao objeto de estudo.

É importante conhecer as características e necessidades dos alunos com autismo, para entender quais as melhores estratégias a serem utilizadas em sala de aula pelo professor e durante as terapias pela equipe multidisciplinar.

O presente trabalho apresenta sete capítulos, nos quais o primeiro capítulo introduz toda a temática a ser abordada no trabalho, no segundo capítulo é destacado a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança, apresentando seus principais conceitos e a relação aluno e professor. No terceiro capítulo é relatado o significado do transtorno do espectro autista, suas principais características e desafios que envolvem o professor para contribuir no desenvolvimento da criança. No quarto capítulo é explicado como a Terapia ABA é utilizada no tratamento de crianças com TEA na clínica e na escola. O quinto capítulo descreve toda a metodologia utilizada no trabalho, o sexto capítulo apresenta os relatos de experiência do campo de pesquisa e o último capítulo relata as considerações finais do trabalho.

A motivação ao qual eu decidi escolher essa temática foi devido ao fato do meu filho com 3 anos de idade apresentar algumas características de criança com TEA, com isso iniciou-se o processo de investigação, com acompanhamento do médico neuropediatra, avaliação com uma equipe multiprofissional envolvendo fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogo e psicopedagogo. Por se tratar de um transtorno ao qual eu não tinha conhecimento, resolvi estudar sobre o assunto mais aprofundadamente e durante o envolvimento na pesquisa surgiram alguns questionamentos. A partir de uma dessas indagações resolvi abordar o assunto de maneira acadêmica, transformando minhas dúvidas em um trabalho de conclusão de curso para obter a graduação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do

Maranhão.

Portanto esse trabalho contribuirá com a comunidade acadêmica e demais profissional, fornecendo relatos de uma realidade ao qual estamos inseridos e vivenciando para assim chegarmos a um denominador comum: fortalecer o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico de uma criança que seja diagnosticada com esse transtorno.

2 A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017, p.35) a educação infantil está inserida na educação básica brasileira, nela o aluno precisa desenvolver as competências gerais da educação básica proposta pelo documento. Na década de 1980 a educação infantil era conhecida como “pré-escola”, ou seja, era considerada como uma etapa anterior e preparatória ao processo de escolarização (ensino fundamental). A Constituição Federal de 1988 ressalta que é dever do Estado o atendimento em creches e pré-escolas, atendendo crianças da faixa etária de zero a 6 anos, com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN no ano de 1996 a educação infantil passa a fazer parte da estrutura da educação básica. Com isso no ano de 2006 houve uma atualização na LDBN, onde a educação infantil passou a atender a faixa etária de crianças de zero a 5 anos de idade.

Comenius (1592-1670) apud Costa (2013, p.36) diz que a criança é um bem muito precioso, representando uma imagem não corrompida de Deus. Este inicia o processo de aprendizagem da criança pelos sentidos, pois a infância é o período ideal para ela aprender. Sua teoria é baseada em aprender fazendo, por isso é considerado o maior educador do século XVII. A Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 está inserida na Diretriz Curricular Nacional para a Educação Infantil e tem por definição de Educação Infantil o seguinte texto:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais, não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2010, p.12).

A partir do ano de 2013 foi incluída na LDBN a obrigatoriedade da matrícula de crianças de 4 a 5 anos na educação infantil, algo que antes era opcional à família do aluno. A primeira etapa da educação básica é a educação infantil, ela é organizada em três grupos divididos por faixa etária, são eles: bebês (zero a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). A partir desse momento a criança ao ingressar na creche ou na pré-escola passa a iniciar o processo de socialização com pessoas que não pertencem ao seu grupo familiar. Logo o objetivo do ingresso da criança no contexto escolar é ampliar as suas experiências, habilidades e conhecimentos, modificando e fortalecendo as novas

aprendizagens, trabalhando junto com a educação familiar. A BNCC detalha que na educação infantil as crianças possuem direitos de aprendizagem e desenvolvimento são eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Assim existe a possibilidade de a criança aprender a desempenhar um papel ativo nos ambientes que convive atuar em desafios e resolvê-los. O professor nesse contexto irá refletir, organizar, planejar, mediar e monitorar essas práticas promovendo o pleno desenvolvimento das crianças (BRASIL, 2017, p.36-37).

De acordo com Costa (2013, p.44) a educação infantil favorece o desenvolvimento das crianças através de registro e observação, no qual o professor poderá produzir novas práticas para a educação infantil, acrescentando com a educação da família que eles já recebem em suas casas. Logo o professor irá possibilitar ao aluno maiores opções de aprendizagens, pois ao utilizar o seu cotidiano como fonte de pesquisa abordará de forma individualizada as opções adequadas para as diversas situações em sala de aula que possam acontecer durante o processo de ensino.

Conforme a Diretriz Curricular Nacional - DCN (BRASIL, 2010, p.25) as práticas pedagógicas da educação infantil possuem como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, respeitando os seus princípios éticos (autonomia, responsabilidade, solidariedade, respeito, identidade e singularidade), políticos (direito de cidadania) e estéticos (sensibilidade, criatividade, ludicidade e liberdade de expressão).

O professor atua como mediador estimulando o desenvolvimento da criança, direcionando a sua prática educativa a partir das experiências e características infantis, promovendo assim o processo de aprendizagem (BISSOLI E CARMO, 2012, p.14).

Rodrigues (2013, p.27-28) discorre sobre algumas pessoas que foram importantes para a educação infantil. Froebel um pedagogo alemão foi o criador dos jardins de infância, ele disseminava que nas escolas para crianças pequenas era necessário ir além do ensino tradicional e devia-se cuidar, proteger e permitir que a criança se desenvolvesse o máximo possível. Sua metodologia era baseada na importância dos brinquedos e das brincadeiras construídas com uma finalidade pedagógica e também a contribuição do trabalho da família e da escola para assegurar a aprendizagem do aluno. Outra influência de destaque na educação infantil foi Maria Montessori, educadora, médica e pedagoga italiana. Através do método de Montessori, o aluno era o sujeito e o objeto de ensino, tratando-se de um método ativo, com duração de período integral na qual a atividade, a liberdade e a individualidade estavam juntas, algo que seria contrário à educação tradicional da época.

Para ela era necessário que o professor fosse devidamente capacitado para aplicar sua metodologia, essa que por sua vez foi inicialmente desenvolvida com crianças com deficiência, mas também pode ser aplicada em outras crianças que não apresentavam esse transtorno. A educação infantil sofreu a influência destes e de vários outros estudiosos, cada um contribuindo com a sua ideia para a base da educação.

Conforme Bissoli e Carmo (2012, p.13) as mulheres têm colaborado cada vez mais no mercado de trabalho, com isso a estrutura familiar tradicional é modificada e existe a necessidade de introduzir cada vez mais cedo à criança no âmbito escolar. Como consequência ocorre um aumento na demanda pela procura para escolas com educação infantil que assista de forma satisfatória as crianças de 0 a 5 anos.

Por isso, com o objetivo de tentar melhorar a qualidade do ensino do país as práticas pedagógicas tem sido uma temática bastante discutida, pois muitos educadores encontram dificuldades durante o dia a dia em sala de aula por desconsiderar a habilidade de pensar e de se desenvolver da criança (COSTA, 2013, p.49).

Já Maria Montessori, foi uma médica e pedagoga que percebeu o valor da individualidade dos sujeitos, principalmente ao trabalhar com pessoas com deficiência. A partir disso, ela percebeu como a educação tradicional não valorizava as características pessoais de cada criança. O método Montessori foi criado para contribuir com o desenvolvimento infantil, mas sem opor nada ou interferir. Na verdade, a pedagoga apontava que o excesso de interferência pode ser prejudicial e atrapalhar o aprendizado. Além disso, a metodologia destaca que cada criança tem seu próprio ritmo para aprender, e que isso não pode ser forçado (PONSO, 2022).

Evidencia-se que a ação do professor é fundamental no desenvolvimento do aluno com autismo, sendo o processo de aprendizagem lento e gradativo, o âmbito onde esse aluno autista estará inserido tem que ser prazeroso para estimular sua cognição assim cabendo ao professor ter conhecimentos prévios sobre esses alunos que possuem necessidades especiais. O professor e a escola tem papel fundamental no processo educacional na vida de qualquer pessoa e se tratando de crianças autistas isso não é diferente, o fato é que se faz diferente dos demais alunos fazendo-se necessário um nível de atenção especial para trabalhar no processo de desenvolvimento já que os alunos autistas têm dificuldades de desenvolvimento motor e afetivo, o desenvolvimento da coordenação motora ampla é buscado, incluindo movimentos como pular, engatinhar além de andar, sendo essenciais para a criança (SANTOS, 2011).

O alemão Friedrich Froebel (1782-1852) foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação das pessoas, ideia hoje consagrada pela psicologia, ciência da qual foi precursor. Froebel viveu em uma época de mudança de concepções sobre as crianças e esteve à frente desse processo na área pedagógica, como fundador dos jardins-de-infância, destinado aos menores de 8 anos (FERRARI, 2008).

O procedimento didático está centrado no educador, pressupõe um mundo completamente determinado cujas leis competem à inteligência conhecer, desvendar. Sendo que aprender é então, retirar a capa da ignorância, ensinar é revelar a verdade. O professor mostra, apresenta e o aluno contempla e assimila (DERMEVAL, 2000, p.65).

A equipe que trabalha nas instituições escolares deve ser preparada para a execução das etapas e ferramentas em busca de uma melhor qualidade, pois assim, os planos e objetivos poderão ser melhores alcançados.

O aluno com TEA tem dificuldades na aprendizagem e para compreender o que realmente o professor quer, uma vez que muda de foco ligeiramente e se concentra em estímulos que geralmente são visuais e sonoros. Para melhorar o aproveitamento em sala de aula, a redução desses estímulos é essencial, pois o estudante autista consegue captar sons que podem ser imperceptíveis para professor. Pode-se colocar cortinas nas janelas da sala de aula, evitando a distração por parte do aluno com o que acontece no ambiente externo da sala e reduzir a quantidade de decoração, pois o estímulo visual não acontecerá evitando a perda do foco.

De acordo com Freire (1996, p.59), "Saber que deve respeito à autonomia do educando exige de mim uma prática coerente". Essas palavras levam-nos a refletir sobre a necessidade de uma prática pedagógica que respeite a individualidade do aluno, pois a partir dessa individualidade o professor pode direcionar quais metodologias mais assertivas ele pode estar desenvolvendo com o aluno que necessite de uma atenção diferenciada por parte do professor, promovendo assim um ensino que será facilmente assimilado pelo aluno.

Matuoka (2018), afirma que, se a inclusão começa na matrícula, direito garantido por lei, esta não se encerra aí. A escola deve oferecer um ambiente onde os alunos autistas se sintam acolhidos, respeitados e recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento integral que os demais estudantes. E complementa dizendo que é importante que todas as crianças estejam aprendendo o mesmo conteúdo em sala de aula. Se o ritmo do aluno for mais rápido ou mais lento, pode-se fazer adaptações e personalizações, mas nunca tirar ou acrescentar novos conteúdos, fazendo diferenciações.

Pois dessa forma, as crianças podem participar de acordo com seus ritmos, dependendo da criança esse processo pode ser mais demorado, ou até mesmo, mais rápido do que o normal. É necessário que exista uma modificação na situação da escola, envolvendo aspectos estruturais e organizacionais, voltadas para que o aprendizado do aluno seja realizado de uma forma completa, atendendo a todos os critérios para que se consiga alcançar uma educação básica de ensino de qualidade e excelência.

3 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): O DESAFIO PARA EDUCADORES NOS DIAS ATUAIS

O Ministério da Saúde define o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como: “distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados” (BRASIL, 2021).

Em relação à etiologia do TEA esta ainda permanece desconhecida, algumas evidências científicas dizem que não existe uma única causa, mas sim a interação de fatores genéticos e fatores ambientais. Para os fatores genéticos existe a influência de alterações genéticas com forte hereditariedade, tratando-se de um distúrbio genético heterogêneo que provoca características comportamentais e físicas diferentes, embora que alguns genes estejam sendo estudados ainda não há nenhum biomarcador específico para o TEA.

No que diz respeito aos fatores ambientais estes podem diminuir ou aumentar o risco de TEA, nesse caso em pessoas que são geneticamente predispostas, alguns exemplos desses fatores que contribuem para o desenvolvimento do TEA são: exposição a agentes químicos, deficiência de ácido fólico e vitamina D, uso de algumas substâncias durante a gestação, nascimento pré-maturo da criança, baixo peso ao nascer, gestações múltiplas, infecção materna durante a gravidez e idade parenteral avançada (BRASIL, 2021).

Na história da Educação Especial, as crianças que possuíam algum tipo de deficiência, eram abandonadas e trancadas em casa, era como se não fizessem parte da família, isso, porque a sociedade os desconhecia, e a família por motivo de vergonha por haver uma pessoa assim na família, os deixavam presos, isolados para ninguém os ver.

Na Grécia Antiga as crianças que nasciam com algum tipo de deficiência, eram abolidas pela sociedade, pois para eles não se tornariam um adulto ideal para o desempenho militar ou defesa da pátria. Conforme menciona Pessotti (1984), há registros de prática de infanticídio desde a pré-história perpetuando durante o período da antiguidade na Índia, Grécia e Roma. Com o passar dos tempos e com a evolução da sociedade essa abordagem que era utilizada foi ficando em desuso, essas crianças deixaram de ser invisíveis para a sociedade e aos poucos foram sendo inseridas no convívio social e familiar.

Santos (2011, p.26) afirma que “o nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de ensino para esses alunos”, observando a coordenação motora ampla, fina e viso-motora, percepção, imitação, desempenho cognitivo, cognição verbal (Escala de desenvolvimento), e as áreas de relacionamento como: afeto, brincar, interesse por materiais, respostas sensoriais e linguagem (escala de comportamento).

Quando se aborda a questão da motivação humana, devemos fazer a distinção se o comportamento é autônomo ou controlado. No primeiro caso, a pessoa deseja plenamente fazer o que está realizando e abraça a atividade com senso de interesse e comprometimento. Seus atos são autênticos. Por outro lado, o comportamento controlado ocorre por pressão. Nesse caso, as pessoas agem sem um senso de envolvimento pessoal e podem caminhar para a alienação (OGATA E SIMURRO, 2009, P.19).

A ação do professor é fundamental no desenvolvimento do aluno autista, ao afirmar que o processo de aprendizagem é lento o âmbito da vivência onde esse aluno autista vai estar inserido tem que ser prazeroso para estimular sua cognição portanto cabe ao docente ter conhecimentos prévios sobre esses alunos atípicos.

Santos (2018), afirma, já que o professor e a escola têm papel fundamental no processo educacional na vida de qualquer pessoa e, em se tratando de crianças autistas isso não é diferente, o fato é que se faz necessário um nível de atenção especial trabalhando no processo de desenvolvimento já que os alunos autistas tem dificuldade de desenvolvimento motora e afetiva, o desenvolvimento da coordenação motora ampla é buscado, incluindo movimentos como pular, engatinhar além de andar.

Fica claro que o comportamento autônomo é o nível ideal que as escolas através do ensino procuram chegar, vários fatores devem ser tomados para saber como anda o ambiente interno de ensino. Assim, ter a qualidade de vida nas escolas vai além de um bom salário, mais o espaço e o ambiente em geral devem proporcionar o bem-estar ao aluno.

Oliveira *et al.* (2009, p.22) comenta que, “O processo de qualidade e sua gestão, na prática, existe como resultado de um desafio maior que é a necessidade de manter-se atualizado”. Dessa forma, atualizar-se se entende como acompanhar os desafios do dia a dia visando sempre o acompanhamento individual do aluno com autismo, no intuito de desvendar sua motivação, para que assim seus ideais sejam de acordo com o da escola. Embora, cabe também ao professor a buscar seus objetivos dentro da escola, pois o mercado está aberto a quem realmente se esforça, busca ser ativo .

Sendo essenciais para a criança, então acaba que os alunos autistas por não se relacionarem com os colegas acaba tendo essa dificuldade de participação e não tem o mesmo desenvolvimento, aí então é a hora do professor adotar estímulos para o processo de inclusão, e saber lidar com o comportamento do autista, pois eles tem dificuldade em atenção e observação, inquietação e a dificuldade também em se comunicar, então a dificuldade se torna maior, mais é necessário o processo de inclusão para que esses alunos estejam inseridos no meio social e que possa ter um desenvolvimento melhor (SCHEUER, 2002,p.57).

Sheuer (2002), afirma que, com autismo, apesar do desenvolvimento motor quase sempre ser normal, essas crianças não exploram o ambiente como deveriam. De acordo com as informações de estudos realizados na Europa o autista tem seu desenvolvimento normal, mas apesar de não ter o devido interesse pelo ambiente, causado pela dificuldade de intelecto e de buscar o conhecimento onde ele está, por isso apresenta dificuldades essencialmente maior que as outras crianças.

Segundo Silva (2012), apesar de existirem vários tipos de TEA, uma criança com TEA, tem uma capacidade e facilidade de assimilação de conhecimento maior. Existe uma grande associação entre autismo e deficiência mental, desde o leve até o severo, sendo que se considera que a gravidade desta deficiência mental não está necessariamente associada à gravidade do autismo.

Conforme o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais - DSM-IV-TR, o Transtorno Autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses (DALMAZO 2023).

Para tanto, um superdotado não é um autista, mas um autista pode sim ser um superdotado em alguma área de conhecimento, e diante da sua característica de desenvolvimento pode assimilar algo que nunca vivenciou antes com extrema facilidade, sem nunca ter experimentado, o autor afirma que os alunos com TEA dependendo da sua característica ele pode conduzir com facilidade algo que não teve conhecimento anteriormente, assim a autora afirma que de acordo com as especificidades de cada aluno ele pode ter uma inteligência extraordinária ele pode ter o intelecto avançado e produzir algo novo sem ajuda de ninguém em algo empírico.

Segundo Spector (2009), uma das atividades importantes para o aluno com autismo são aulas de ginásticas ou educação física. É importante também desenvolver momentos de escrita para que o aluno desenvolva suas informações, desta maneira o aluno com autismo pode entender melhor diversas situações que encontram .

Existem várias formas de manifestação de TEA (Transtorno do Espectro Autista), no entanto, as pessoas o caracterizam apenas por autismo, o que é equivocado, pois neste espectro há variações, como deficiências nas áreas sociais de comunicação e de comportamento e que essa expressão tem um termo geral para se referir a quem apresenta essa síndrome clínica.

A meta do educador não é meramente explicar ou esclarecer algo, mas sim, criar um significado. Para tornar os sonhos visíveis e levar as crianças a aderirem a eles, o educador deve transmitir uma visão ampla, aquela que visualiza a organização como toda, buscando que os objetivos finais sejam alcançados e que acima de tudo, toda equipe se envolva e receba a melhor resposta de seus esforços, pois um retorno é passível de vários benefícios, agregando valor para a educação (BRITO, 2013).

Segundo Brito (2013), existem as variações e particularidade de acordo com cada grau de autismo, e mesmo sendo algo com pouco alcançado tem o mesmo sentido quando se refere ao conceito do autismo, desse modo torna-se necessário mesmo tendo pessoas com aspectos diferentes, a referência é uma só independente de suas variações.

A palavra "autismo", escrita de diferentes formas - com minúsculo, com ou sem o artigo precedendo a palavra (o Autismo ou o autismo) como síndrome comportamental, síndrome neuropsiquiátrica neuropsicológica, como transtorno invasivo do desenvolvimento, transtorno global do desenvolvimento, transtorno persuasivo do desenvolvimento, psicose infantil precoce, pré-autismo, pseudo-autismo e pós-autismo (BOSA; BAPTISTA, 2002, p.22).

O educador na atualidade busca as metas da educação, porém sempre estando atento aos seus alunos, buscando compreender até que ponto os mesmos estão atrelados ao desenvolvimento educacional, desta forma, o futuro das crianças, se tornou mais do que necessário, para o crescimento e desenvolvimento da sociedade como um todo.

Segundo Silva (2013), o brincar, assim como para qualquer criança, representa um papel importantíssimo para o desenvolvimento da criança autista, pois contribui para a socialização, têm efeitos positivos sobre a aprendizagem, estimula o desenvolvimento de habilidades básicas e a aquisição de novos conhecimentos.

Nessa perspectiva do ponto de vista do autor ele aponta que os tipos de autismo têm seus movimentos e ações repetitivas por conta da sua síndrome os mesmos também apresentam difícil aspecto de assimilação, desta forma as características se manifestam de diversas formas o mais marcante entre eles é a comunicação social e os movimentos repetitivos, também é natural de suas ações serem agressivo e desobediente.

É um fato natural de suas ações, afirma Brito (2013), faz parte do seu transtorno como um dos fatores de seu desenvolvimento que abrangem vários aspectos, um deles é a persuasão onde o autista é convincente daquilo que ele quer o transtorno global e natural, aspecto esse que retarda o desenvolvimento simultâneo das pessoas que apresentam essa síndrome. Assim se manifesta em fases como a psicose infantil que é o transtorno Desintegrativo da criança, o pré-autismo que se refere a uma série de condições caracterizada por desafios inclusive comportamento repetitivo, pseudo-autismo que é em relação aos sintomas ao começo das manifestações e assim o autor deixa claro sobre as especificidades e as características de cada síndrome do autista, e apesar das características dos mesmos ao se referir a esta síndrome a palavra é uma só independentemente do grau.

Com os devidos cuidados, nada impede que as crianças autistas participem de todas as atividades desenvolvidas, inclusive, as que ocorrem fora da sala de aula. Portanto, vários autores descobriram a autoaprendizagem e compreenderam que crianças com necessidades especiais podem desenvolver vários tipos de habilidades, apesar do processo de aprendizagem ser mais lento em relação às crianças que não tenham dificuldades. Com o passar do tempo, houve melhorias na formação de profissionais, e surgiram pedagogos e médicos, preparados que estudaram e se especializaram para assim ajudar a diagnosticar e tratar crianças com necessidades especiais.

4 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (TERAPIA ABA) A CONJUNÇÃO DA ESCOLA E DA TERAPIA CLÍNICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TEA

A Análise do Comportamento Aplicada – ABA (*Applied Behaviour Analysis*) é uma abordagem psicológica usada para a compreensão do comportamento (ABRACI, 2021). Essa abordagem leva em consideração a investigação individual da criança, que recebe as intervenções dinâmicas e na medida em que ela vai dando retorno recebe reforços positivos até ser capaz de realizar sozinha determinadas tarefas. Na medida em que ela adquire novos princípios comportamentais, que ela evolui, passa a receber novas intervenções.

O tratamento de Análise Aplicada do Comportamento (ABA) envolve o ensino intensivo e individualizado das habilidades necessárias para que o indivíduo possa adquirir independência e a melhor qualidade de vida possível. Dentre as habilidades ensinadas incluem-se comportamentos sociais tais como contato visual e comunicação funcional, comportamentos acadêmicos como pré-requisitos para leitura, escrita e matemática, além de atividades da vida diária como higiene pessoal (ABRACI, 2021).

Os princípios da Terapia ABA são muito utilizados para auxiliar em metodologias para estudantes autistas. Originário do inglês Applied Behavior Analysis, a Análise do Comportamento Aplicada é uma ciência da aprendizagem recomendada pela Organização Mundial da Saúde para pessoas com desenvolvimento atípico, especialmente o autismo. As estratégias e técnicas usadas nas intervenções baseadas em ABA para o TEA têm como objetivo de auxiliar com os comportamentos prejudiciais para a pessoa e ensinar habilidades essenciais para seu desenvolvimento (BANDEIRA, 2021).

As atividades lúdicas que forem oferecidas para a criança com autismo podem estimular as áreas da interação social, comportamento e comunicação. Pois a comunicação acima de tudo no processo de educação torna-se importante no sentido de fazer as crianças com autismo mais participativas em sala de aula.

Portanto, para lidar com o autismo na educação infantil, a escola precisa criar projetos de inclusão que promovam o acolhimento dos alunos autistas, possibilitando espaços em que o respeito seja priorizado e que as mesmas oportunidades de aprendizagem sejam oferecidas.

Segundo Oliveira (2009), as diversas práticas educativas desenvolvidas na educação formal objetivam a aquisição e, por conseguinte, a construção de conhecimentos que atendam as demandas da contemporaneidade. Portanto, é nos espaços educativos que este aprendizado se estabelece com maior frequência e é ainda nesta modalidade, que se evidenciam as figuras professor/aluno, nos quais, o primeiro coloca-se como sujeito de ensino e o segundo o aluno como sujeito de aprendizagem. No entanto, o formato em que o processo de ensino aprendizagem ocorre, pode se estabelecer de forma bastante individualizada e variada independente do espaço.

Carvalho *et al.* (2006) apontam que o mundo tem mudado e continuará em constante mudança, porém escolas parecem estar se distanciando e não acompanhando tais mudanças. Talvez por ser a escola, institucionalizada na sociedade sintam-se tão seguras a ponto de não entender nitidamente o distanciamento que existe entre as ações da sociedade e as ações que ocorrem nos espaços formais de educação provocando uma inquietude nos dependentes inseridos nestes espaços. O autor ressalta ainda que diante da inquietude dos alunos, o professor deve possuir uma visão crítica em ensinar o conteúdo que necessita ser estudado e porque deve ser aprendido. Acender no educando uma reflexão para que ele entenda que se deve aprender para a vida, para o que se quer para o que se deve e para o que se carece.

Diante disto, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma terapia que visa à aprendizagem, que é utilizada como embasamento para o atendimento de pessoas com transtornos do desenvolvimento como, por exemplo, o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), foca em promover o ensino de novas habilidades e a ajudar lidar com comportamentos desafiadores (BANDEIRA, 2021).

Por meio desta ciência, profissionais realizam as seguintes etapas: primeiro é realizada uma análise dos comportamentos do indivíduo de forma a entender como e por que os comportamentos ocorrem, logo após, verifica-se quais as influências ambientais a eles relacionadas, diante destas observações é possível traçar estratégias que permitam ensinar novas habilidades para este indivíduo.

A atuação dos educadores é essencial na aprendizagem da criança autista, uma vez que, em muitos casos de autismo, foi o educador, dentro ambiente escolar, que percebeu a necessidade e os principais sintomas e alertou os familiares para procurarem um especialista, porém o que ocorre, na maioria das vezes, é a resistência dos familiares em relação aos comportamentos diferenciados das crianças, tendo medo e despreparo para aceitar e enfrentar os problemas acarretados desta síndrome (RODRIGUES, 2020).

O processo educativo formal que se conhece no Brasil, se estabelece em ambientes sistematizados de educação e está inserido no Projeto Político Pedagógico (PPP) de uma escola e suas diretrizes regulamentam-se por Lei Federal.

De acordo com a Constituição Federal, proclamada em 1988, em seu Art. 205 estabelece que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Desde 1996, estabeleceu-se por meio da Lei 9.394/96 das Diretrizes e Bases da Educação. E em seu artigo 26 institui que:

Art. 26. Os currículos do ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Sabe-se que existem recintos físicos vastamente estruturados e bem individualizados para suprir a necessidade específica daquele indivíduo com materiais adequados à situação escolar, com foco nas características do próprio aluno e que visam a atender as diferentes disciplinas escolares, sempre voltadas para o processo de aprendizagem, enquanto outros ficam muito aquém das necessidades mínimas para o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem dificultando assim que o professor e a equipe escolar consiga atingir os objetivos primordiais de um estabelecimento educativo, a escola.

Sabe-se que a sala de aula, é considerada um espaço educativo onde aluno e professor lançam mão para abordar conhecimentos científicos de forma mais dinâmica, sendo assim, o aprender passa a ter para os alunos uma conotação diferenciada e não mais uma visão metódica e cheia de conceitos prontos. Ainda sobre esta forma de visualizar o aprendizado, é importante que os alunos vivenciem outros espaços de saberes científicos que não as instituições normatizadas (CARVALHO *et al.*, 2006).

De outro ponto de vista, segundo Marandino *et al* (2011), a escola formal escolhe e reescreve as teorias e conteúdos culturais e científicos para transmiti-los às novas gerações ao longo do processo ensino aprendizagem. Da mesma forma os espaços não formais de ensino também praticam esse processo de seleção, mas de forma diferenciada.

Para estabelecer parcerias com os diversos espaços de educação, a escola deve manter-se atenta e conhecer inicialmente as características desses diversos espaços, seus objetivos, suas finalidades tanto científicas como educacionais e o que almejam com elas. E, que tal postura sirva de modelo para todas as áreas do conhecimento.

Marandino *et al* (2011), cita alguns desses espaços não formais de educação, que podem atender em forma de parceria a educação formal entre as quais o autor cita as diversas revistas, jornais, a televisão, o rádio, inclui neste contexto as organizações não governamentais, os museus de ciências, jardins zoológicos, jardins botânicos, hortos e parques florestais, as reservas naturais, zona rural e outros espaços urbanos como indústrias e fábricas. Segundo o autor estes são algumas possibilidades de interação educacional entre a educação formal e a não formal que permite ao aluno uma postura reflexiva e que não seja estritamente escolar, onde o educando, diante de ocasiões diversas possa pensar, raciocinar, falar e redimensionar seu conhecimento e aprendizado.

5 METODOLOGIA

Aqui temos o objetivo de discutir como a Terapia ABA pode ser utilizada no tratamento e acompanhamento das crianças da educação infantil com TEA correlacionando, professores, pedagogos e família como meio facilitador e promotor do desenvolvimento educativo da criança. Assim essa pesquisa foi norteadada pelos seguintes objetivos específicos: conhecer as experiências dos profissionais envolvidos no acompanhamento e desenvolvimento da criança com TEA e analisar se essa prática pedagógica utilizada é adequada ao objeto de estudo.

A pesquisa realizada apresenta-se de natureza qualitativa e de pesquisa bibliográfica, no qual conforme Godoy (1995) a pesquisa qualitativa estuda as várias possibilidades dos fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais em ambientes diversificados. Como também foi utilizada à pesquisa de campo, onde a coleta dos dados é realizada em seu próprio ambiente, em condições naturais (SEVERINO, 2001).

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma profissional pedagoga, especialista em educação infantil a qual aqui está sendo nomeada de modo fictício de “Maria”, para preservar a participante, que assinou um termo de consentimento livre esclarecido e de confidencialidade para a pesquisa. A entrevista teve duração de trinta minutos, foi gravada com o auxílio de um aparelho celular tipo smartphone. As perguntas foram previamente elaboradas, porém no decorrer da entrevista alguns questionamentos foram surgindo durante a conversa e foram acrescentados neste trabalho.

Através do intermédio da entrevistada obtive a informação de um evento sobre o tema abordado. Particpei do “1º Seminário TEA em Nossas Vidas” evento realizado na cidade de Imperatriz – MA, na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Neste evento participaram profissionais que trabalham com crianças que apresentam autismo, relataram temáticas distintas, porém com o mesmo objetivo, sensibilizar a população acerca de como participar da vida dessas crianças com TEA. Neste trabalho destaquei a fala de alguns profissionais como: Psicóloga, Terapeuta Ocupacional e Psicopedagoga, abordando os comentários pertinentes a este trabalho ora desenvolvido através de seus relatos de experiência. Os critérios de inclusão dos participantes foram: profissional devidamente habilitado para trabalhar com crianças e possuir especialização em TEA. Critérios de exclusão: profissionais não capacitados conforme a solicitação dos critérios de inclusão. Ao final da entrevista os dados coletados foram analisados e discutidos.

6 RELATO DE EXPERIÊNCIA

6.1 Entrevista com a pedagoga “Maria”

Foi realizado no dia 18/04/2023 uma entrevista com a “Maria”, pedagoga, especialista em educação infantil, atuou vários anos na área, e a partir de um questionamento próprio se perguntou o porquê que algumas crianças não conseguiam aprender? Pois naquela época não havia muito conhecimento como nos dias atuais, não havia uma equipe atuando na área da educação infantil, com psicopedagoga, psicóloga, fonoaudióloga e terapeuta ocupacional. O auxílio educativo partia apenas da coordenação pedagógica. A partir desse momento ela se deparou com a oportunidade de estudar sobre psicopedagogia, pois é uma vertente que trabalha com aprendizagem e com as dificuldades de aprendizagem. Iniciou os trabalhos na área institucional dentro da escola e por seguinte partiu para a parte clínica, fez pós-graduação em neuropsicopedagogia e a partir desse momento deu continuidade aos estudos e atividades profissionais na parte clínica, fazendo avaliações, testes nas crianças, focada na área da aprendizagem.

Com o decorrer dos anos ela observou um aumento considerado na procura por profissionais que atuassem com crianças com Autismo, se especializou em Terapia ABA, com pós-graduação específica para crianças com autismo e se apaixonou pela temática, realizando atendimento até os dias de hoje quase que exclusivamente com crianças que apresentam níveis diversos de TEA em sua clínica, porém ainda atua na parte educacional nas escolas, ministrando palestras, realizando acessorias através de cursos de formação pedagógica para professores auxiliando-os a realizar a elaboração dos Planos Educacionais Individualizados - PEI's de forma mais assertiva e também com ênfase na alfabetização de autistas.

A forma como a “Maria” descreveu a sua trajetória profissional em sua fala transmite emoção, pois com o passar dos anos de sua carreira ela se viu apaixonada por uma área específica, a qual não possui um amplo leque de profissionais capacitados e que ela viu a oportunidade de crescer e ajudar as crianças que ela tanto tem carinho e que com o seu trabalho pode possibilitar que essas crianças consigam em longo prazo ter uma qualidade de vida saudável em sociedade e desenvolver-se para se tornar um adulto independente. Alves (2006) destaca em seu trabalho que o perfil profissional de uma pedagoga exige em primeiro lugar o amor às crianças, esse

é um dos motivos para que essas profissionais busquem o aperfeiçoamento em suas carreiras. Quando um profissional possui sentimento de carinho, amor e atenção na profissão ao qual escolheu para sua vida, ele consegue se desenvolver, estudar e assim contribuir com qualidade o seu papel como profissional de excelência.

O primeiro questionamento realizado foi: Qual a quantidade de crianças com TEA você atende em média por mês? Ela relatou que não sabe a quantidade exata de crianças que atende na clínica, pois uma criança é atendida as vezes por vários profissionais, os atendimentos são fixos, não possui rotatividade, já que para o tratamento adequado são necessários meses de atendimento com o profissional especializado, caracterizando um tratamento em longo prazo. Ela enfatizou que aumentou em nível exponencial de quase 80% a quantidade de crianças que apresentam diagnóstico fechado para TEA, que precisam de acompanhamento terapêutico, escolar e familiar. Nas escolas também houve esse aumento na demanda, pois ela acompanha escolas que possuem até 20 crianças autistas em toda a escola e sempre aparecendo novas crianças com laudos ou suspeita de TEA.

De acordo com o Censo escolar do ano de 2022 o percentual de alunos com transtorno do espectro autista aumentou progressivamente. O percentual de matrículas de alunos incluídos em classes comuns no ano de 2018 foi de 92% e para o ano de 2022 passou a ser de 94,2%, confirmando assim que existe um aumento no número de crianças com TEA diagnosticadas que frequentam a fase escolar (BRASIL, 2022).

A pergunta seguinte foi: Qual a sua opinião sobre a correlação entre a escola e a clínica para crianças com TEA? É necessário um acompanhamento diferenciado para auxiliar essas crianças que estão na educação infantil? Ela foi bem precisa em sua resposta: “[... Não tem como trabalhar com uma criança autista em desenvolvimento sem conectar todo mundo...] “. Ficou claro que é importante ter o trabalho clínico conectado com a escola e o trabalho da escola ser conectado com a clínica e ambos conectados com família para assim se conseguir a evolução desejada daquela criança.

Pois a criança irá evoluir naturalmente com o passar do tempo, porém poderá acontecer de essa evolução não ser adequada, já que o desenvolvimento, o comportamento e as habilidades que são necessárias para o dia a dia da criança, estão envolvidas nesse processo de evolução diária, o sentar, esperar, contato visual que essa criança irá despertar são necessários para o convívio escolar. Caso não

ocorra da forma adequada, a criança apresentará comportamentos aversos aos das crianças que não possuem esse transtorno, dificultando assim o seu processo de aprendizagem escolar. E o acompanhamento da escola com a clínica se torna imprescindível, pois na clínica são trabalhados os programas de acordo com a necessidade específica de cada criança e na escola será dado à continuidade desses programas (ex: sentar, esperar, contato visual, concentração) reforçando o aprendizado que é realizado na parte clínica do tratamento que será necessário para o seu dia a dia em sociedade.

Para que as escolas da rede pública e privada possam desenvolver os seus trabalhos com as crianças que apresentem o TEA, utilizando as metodologias e atividades diferenciadas se faz necessário um laudo médico para que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) seja promovido. O professor e a coordenação escolar apresentam uma função importante para o uso da AEE, todavia, é indispensável também o acompanhamento de uma equipe multiprofissional para acompanhar essa criança (DALMAZO, 2023).

Durante sua fala “Maria” ressaltou que a família também é um fator importante para que esse programa de aprendizagem seja realizado de forma integral, reforçando os comportamentos que estão sendo trabalhados na escola e na clínica, dando continuidade conforme o perfil da criança com TEA. Essa conexão é muito importante, para que ambos trabalhem com o mesmo objetivo de desenvolvimento da criança.

O PEI (Plano de Ensino Individualizado) deve se fazer presente na escola e na clínica, pois é através dele que são mensurados e percebidos se os comportamentos estão em evolução ou não, se está diminuindo ou aumentando. Durante a nossa conversa ela reforçou que é importante que a escola forneça relatórios para os profissionais, que a escola peça sugestões nos casos em que não consigam envolver e desenvolver aquele aluno, nos casos de crises, qual procedimento a ser realizado. Assim o trabalho pode ser orientado de uma forma mais assertiva e adequada para cada situação que possa vir a acontecer no ambiente escolar.

Dando continuidade aos questionamentos, a próxima questão envolve a mudança no ambiente escolar: Existem relatos e quais os índices de pais de crianças diagnosticadas com TEA com problemas em adaptação escolar? De acordo com a “Maria”: “quando ocorre uma mudança no ambiente escolar da criança acontece uma quebra, infelizmente as escolas ainda não conseguem ter um protocolo de atendimento a essa criança, no sentido de ter a proposta pedagógica, ter as

adaptações, a forma de atendimento a essa criança, ou seja, possuir o PEI quando existem essas mudanças de escolas”. Ela reforça a importância de se formular um PEI bem estruturado, com anamnese com os pais, com a avaliação da criança, informar o que a criança sabe, o que ela não sabe e a partir disso realizar o trabalho com a criança. Quando se tem todas essas informações alinhadas e existe a necessidade da criança mudar de escola, a escola tem a obrigação de entregar o PEI já elaborado com a finalidade de evitar “a quebra” e precisar começar em outra escola tudo novamente. O ideal é que a criança seja transferida da escola com o seu dossiê, as atividades desenvolvidas com ela, o que ela conseguiu desenvolver, as deficiências que ainda possam existir, fornecendo assim subsídios para que a outra escola continue o plano de ensino individualizado da mesma.

Porém, de acordo com a “Maria” em sua vivência prática, essa não é prática realizada no ensino da educação infantil, acontecem casos de crianças estar há 3 anos na escola e não possuírem um PEI para fornecer meios de desenvolvimento cognitivo, motor ou social dessas crianças diagnosticadas com TEA. Em outros casos existem um início da elaboração de um PEI, entretanto não há sistematização, continuidade, faltam registros, ficando apenas nos relatos de forma oral por parte das professoras. Quando a escola consegue realizar o PEI de forma clara e com qualidade pode acontecer da mesma não querer fornecer esses dados do PEI para os pais ou responsáveis da criança, casos que infelizmente ela relatou que acontecem corriqueiramente. O PEI é da criança, ela precisa estar com essa documentação disponível, principalmente nos casos de mudanças do ambiente escolar, para assim poder dar continuidade ao seu aprendizado.

A próxima pergunta se refere ao tratamento de crianças com TEA: Qual o tratamento mais adequado e utilizado para promover o desenvolvimento dessas crianças que são diagnosticadas com TEA? Uma das formas de tratamento para crianças que possuem TEA é a utilização da Terapia ABA, conforme a “Maria” relatou ela é atualmente chamada de “terapia padrão ouro” sendo a mais indicada para crianças com TEA, no momento é o que ela possui de melhor nessas situações. A mesma deixou claro que a terapia ABA não é exclusiva de uso para crianças com autismo, pois ela trabalha comportamento, como lidar com situações. Crianças com Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade - TDAH possuem distúrbios no comportamento, logo a terapia ABA é uma terapia de escolha para essas crianças, por esse motivo não se torna apenas de uso para crianças com TEA.

O diferencial da terapia ABA para o autista se apresenta por possuir uma sistematização, onde é preciso caminhar dentro daquele sistema, é preciso fazer uma avaliação, essa avaliação precisa pontuar o que essa criança têm de comportamento, não pode ser realizada de qualquer forma, não pode ser uma avaliação com um instrumento a ser inventado, obrigatoriamente precisa ser um instrumento que forneça essa pontuação. Um exemplo de instrumento bastante utilizado é o VB -MAPP (Verbal Behavior-Milestones Assessment and Placement Program) é uma avaliação critério-referenciada para pessoas com atraso no desenvolvimento. Logo é necessário saber que comportamento esse indivíduo possui, onde ele está para poder ela selecionar os comportamentos a serem trabalhados. Após essa avaliação é preciso montar um plano específico de trabalho para essa criança, selecionando os comportamentos alvos, que serão os prioritários naquele momento para atender as necessidades da criança. São utilizadas técnicas, evitando forçar a criança, mas sim utilizar os reforçadores que a criança gosta (que ela se identifica), é uma terapia lúdica, fazendo de uma forma com que a criança goste e acabe não percebendo que está sendo trabalhada, ela pensa que está brincando, conforme o relato da entrevistada.

Na terapia ABA, a sua prática está associada com a filosofia de Skinner, utilizando como parâmetro o comportamento operante. Se mostra bastante adequada em diversos tratamentos, sendo que nos Estados Unidos há uma ampla área de estudo da análise do comportamento (BRITO, 2022).

Sendo assim são utilizadas duas formas de terapias pela “Maria” e sua equipe: 1) a forma estruturada, onde o ambiente, tudo o que for fazer é estruturado, condicionando com reforçadores; 2) forma naturalista, que é trabalhada com as crianças menores, utilizando as brincadeiras para trabalhar com essas crianças as suas necessidades. Além dessa forma de avaliação e de planejar esses comportamentos a serem trabalhados, a terapia ABA tem uma forma de registro, fornece medidas, a evolução ou não do quadro da criança, mensurando com dados precisos as informações sobre a criança em cada etapa dos comportamentos alvo, visualizando em forma de gráficos para uma análise mais completa do trabalho da terapia ABA com o indivíduo.

Portanto é uma terapia que caso não haja a evolução do comportamento da criança, ela deve ser reavaliada e para sair daquele comportamento alvo e buscar almejar os outros comportamentos deverá ser apenas quando o primeiro alvo for adquirido pela criança de forma concreta. Por conter todas essas etapas, consiste em

uma terapia sistematizada, bem estruturada, contém muitos treinos que são realizados de forma contínua até se tornar um comportamento natural e por esses motivos que se consegue alcançar os objetivos do acompanhamento com a criança com autismo.

Em seguida fiz o seguinte questionamento: Existem outras opções de terapias para crianças com TEA? Além da terapia ABA a “Maria” comentou que também podem ser usadas terapias convencionais que podem proporcionar a evolução da criança, porém não possuem a mesma estrutura que a terapia ABA. Na terapia convencional cada profissional atua de forma independente, existindo uma desconexão entre eles, cada profissional trabalha com a criança da maneira que entende ser adequado para atingir os seus objetivos do desenvolvimento da criança. Entretanto os profissionais envolvidos na terapia ABA trabalham em cima de um único plano para todos os profissionais sendo eles: o fonoaudiólogo, o terapeuta ocupacional, a psicopedagoga, e projetam o mesmo objetivo em suas respectivas atividades, garantindo que a estrutura do programa seja o mesmo para todos.

Conforme os relatos da “Maria”, pedagoga, atualmente o tratamento de escolha para o autismo é a terapia ABA, terapia essa que deve ser trabalhada em junção com o ambiente escolar, e na educação infantil por ser um mundo bastante lúdico, possibilita promover mais facilmente o desenvolvimento da criança, ela irá aprender todos os comportamentos que são básicos para o seu desenvolvimento de uma forma mais natural, mais atrativa, com vivências, experiências, direito de conviver e partilhar. A escola irá adaptar a sua proposta levando em consideração o que é relatado no PEI. Isso traz para a criança todo o desenvolvimento que ela precisa para quando chegar ao ensino fundamental à mesma esteja preparada para essa nova etapa de ensino.

6.2 Primeiro Seminário TEA em Nossas Vidas

Corroborando com a entrevista realizada com a “Maria”, no dia 24 de abril de 2023 foi realizado na cidade de Imperatriz – MA o “1º Seminário TEA em Nossas Vidas” com a finalidade de divulgar e sensibilizar a sociedade e a família de crianças que apresentem TEA a tratar as situações do cotidiano, várias temáticas foram discutidas com profissionais especializados de áreas distintas, que juntos formam uma equipe multidisciplinar para auxiliar as crianças que apresentam autismo. A psicóloga palestrante enfatizou sobre o impacto do diagnóstico do autismo na família, reafirmou que o diagnóstico de TEA é essencialmente clínico e realizado por uma equipe multiprofissional e que normalmente na família de uma criança com TEA ocorrem algumas reações emocionais frente ao diagnóstico: surgem dúvidas, incertezas e medos.

Portanto se faz necessário uma equipe para acolher a família e explicar a situação auxiliando frente a esse diagnóstico. A família precisa participar das fases de desenvolvimento dessas crianças, buscando as intervenções de maneira precoce, seus direitos previstos pelas leis, assumir a mútua responsabilidade da criança no ambiente escolar, pois o seu desenvolvimento começa em casa e se dá a continuidade na escola com o uso adequado do PEI na clínica, na escola e na família reforçando a todo o momento os estímulos necessários para auxiliar o seu desenvolvimento.

Em sequência, outro tópico abordado durante o seminário foi apresentado pela palestrante que é terapeuta ocupacional, a mesma relatou sobre as habilidades básicas que uma criança com TEA precisa possuir. A mesma ressaltou a importância das habilidades motoras ocorrerem no tempo adequado para cada faixa etária da criança, essas habilidades emergem na segunda infância, baseando-se nas realizações da primeira infância. Para alguns desses indivíduos é preciso realizar um planejamento motor, utilizando-se repetições e com o esforço da criança para que seja alcançado o objetivo final de uma boa habilidade motora para a sua faixa etária. Para as habilidades cognitivas a criança necessita de atenção, que faz parte do processo de aprendizagem e percepção visual para não ter interesse restrito de algo, essas habilidades são imprescindíveis na escola. Em alguns casos crianças com TEA também apresentam déficit de atenção, algo que interfere no processo de ensino-aprendizagem da mesma. Ela reforçou que a escola é um ambiente de extrema importância para auxiliar no desenvolvimento dessas crianças, com o auxílio do PEI

as professoras podem direcionar as atividades a serem trabalhadas, como jogos, resolução de problemas, autocontrole emocional, expressividade e no relacionamento com as demais crianças da sala de aula.

Logo depois a palestrante que é pedagoga e a palestrante psicopedagoga deu enfoque no processo de ensino e aprendizagem para crianças autistas. Os seus cometários afirmam que é necessário avaliar o que o aluno sabe e quais são as suas necessidades educativas, suas potencialidades, quais as suas necessidades educativas específicas, buscar conhecer o educando, dessa forma se torna importante pensar em adaptações para um aluno com TEA. Conhecer as principais áreas de comprometimento do autista é muito importante para a compreensão de alguns conflitos que possam surgir em sala de aula e dificultar o processo de inclusão.

Foram destacadas algumas dificuldades que podem acontecer no processo de ensino e aprendizagem desses alunos: socialização, comunicação, linguagem, permanecer ativo nas atividades, compartilhar gostos e interesses, comportamentos repetitivos, intolerância a mudança na rotina e do ambiente, estereotípias e transtornos no processamento sensorial. Para auxiliar os professores com essas dificuldades que possam surgir pode-se utilizar a terapia ABA como uma ferramenta, pois ela observa o comportamento da criança e utiliza estímulos intervindo e reforçando qual o estímulo necessário para atingir o objetivo procurado. A colaboração da família na construção do PEI escolar é de grande importância, pois irá auxiliar os professores com informações sobre as preferências da criança, a rotina, os gestos, o convívio no ambiente familiar.

Durante o todo o decorrer do seminário, como também durante a entrevista que foi realizada, foi enfatizado a todo o momento que para uma criança diagnosticada com autismo conseguir se desenvolver de forma mais assertiva é necessário à junção do ambiente clínico com as terapias, a participação da escola promovendo a parte cognitiva e social da criança e a participação da família, pois ela dará continuidade em todo o processo, fortalecendo os estímulos a serem trabalhados com essa criança.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento do aluno com autismo a ação do professor é fundamental, cabendo a ele ter conhecimentos prévios sobre esses alunos utilizando como recurso o plano de ensino individualizado para assim poder sistematizar quais metodologias poderão ser mais adequadas para essa criança durante o processo de ensino-aprendizagem. O aluno com transtorno do espectro autista possui dificuldades na aprendizagem, uma vez que muda de foco ligeiramente e se concentra em estímulos que geralmente são visuais e sonoros, dificultando assim o poder de assimilação dos ensinamentos que lhe serão transmitidos pelo professor.

Neste trabalho podemos observar que o índice de crianças diagnosticadas com autismo está crescendo consideravelmente a cada ano, dados esses levantados com base no Censo Escolar ano 2022, durante a fala da entrevistada “Maria” e através do evento realizado para sensibilizar a sociedade e a família dessas crianças que foram diagnosticadas com autismo.

Uma das terapias mais utilizadas para crianças com TEA é a Análise do Comportamento Aplicada, conhecida como Terapia ABA. As estratégias e técnicas utilizadas têm como objetivo ajudar a lidar com os comportamentos prejudiciais e ensinar habilidades essenciais para o seu desenvolvimento. Essa terapia precisa ser utilizada na clínica junto com os profissionais habilitados para estimular a comunicação, o comportamento e as interações sociais como também pode ser utilizada pelos professores em sala de aula com os alunos que apresentem esse transtorno, para que assim o tratamento desse aluno envolva todos os ambientes ao qual ele frequenta, fortalecendo assim a sua terapêutica.

Portanto este trabalho contribui com a comunidade acadêmica e no âmbito da educação a partir de relatos que foram obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada e durante um evento realizado, destacando a importância de a terapia clínica estar sempre alinhada com a escola e os professores, visando o desenvolvimento do aluno que foi diagnosticado com transtorno do espectro autista e está em idade escolar, fornecendo relatos de uma realidade no qual estamos inseridos e vivenciando para assim chegarmos a um denominador comum: fortalecer o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico de uma criança que seja diagnosticada com esse transtorno.

REFERÊNCIAS

ABRACI, American Psychiatric Association. (2021). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** (DSM-V). (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.

ANDRADE, Rui. **Gestão estratégica de pessoas**. São Paulo: Elsevier, 2009. 264 p.

ABRAMOWICZ, Anete. **Educação infantil e diferenças**. São Paulo: Papirus, 2013. 187 p.

ALVES, Márcia de Mesquita Cardoso; LISBOA, D. de O.; LISBOA, D. de O. **Autismo e inclusão escolar**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Laranjeiras-SE, 2010.

ARAÚJO, Letícia. Et al. **O papel da mulher na educação: uma comparação entre pestalozzi e froebel**. Rev. Sem Aspas, Araraquara, v. 11, n. 00, e022003, jan./dez. 2022.

ALVES, Nancy. N. L. **Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende” 1 : significados da docência em educação infantil na ambigüidade entre a vocação e a profissionalização**. UFG. 2020.

ARCE, Alessandra. **Ensinando ciências na educação infantil**. São Paulo: Alínea, 2011. 130 p.

BANDEIRA, Gabriela. **Terapia ABA no autismo: entenda tudo sobre essa ciência**. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/terapia-aba-autismo/>. Acesso em 26/01/2023.

BRASIL. **Decreto Legislativo nº 198, de 2017**. Diário Oficial da União, Brasília, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2010. **Plano Nacional de Educação**. Diário Oficial da União, Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 2 jan.

2023. » http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva Brasília: Secretaria de Educação Especial, jan. 2021. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018. » <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União, Brasília, 2022. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 13 jun. 2023. » http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm

BRASIL. Base nacional comum curricular. Disponível em; <file:///C:/Users/FONTE/Downloads/BNCC.pdf>. Acesso em 24/07/2023.

BRITO, R. M. T. de. QUANDO A INCLUSÃO ACONTECE: analisando o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública de João Pessoa. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. João Pessoa.

BRITO, R. M. Aplicação da terapia aba (análise do comportamento aplicada) na inclusão de crianças e adolescentes autistas em escolas regulares. UBERABA-MG 2022.

BOSA, Cleonice; BAPTISTA, Claudio Roberto (org.). Autismo e Educação: Reflexões e Propostas de intervenção. Autismo: Atuais Interpretações para Antigas Observações, Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARMO, Ana. C. ET AL.,. A formação de professores para Educação Infantil em Boa Vista: a política municipal e o papel da Universidade Federal de Roraima. Revista Educação e Emancipação, São Luís/ MA, v.5, n.2, jul/dez. 2012.

CONSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. Neurociência e educação: como o cérebro aprende. Porto alegre, Artmed, 2011.

COSTA, Maria. L. As práticas pedagógicas de professores de educação infantil do município de santa Inês. São luís. 2013.

CARNEIRO, Moaci Alves. LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva artigo por artigo.7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

CINTRA, Alexandre. **O poder da qualidade de vida nas organizações**. Curitiba: FGV, 2011. 220 p.

CAMARGOS JR, Walter. **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º milênio**. Brasília: AMES, ABRA, 2002.

CARVALHO, Ladmir. **Dicas de gestão e carreira de um empreendedor**. 1.ed. São Paulo: Leader, 2015. 188 p.

DALMAZO, Rosicleia. **Clínica-escola do transtorno do espectro autista (cetea): um estudo de caso no município de Cascavel (pr)**. CASCAVEL – PR 2023.

DERMEVAL, Jean-Claude. Les Objets Autistiques Complexes Sont-Ils Nocifs? In: MALEVAL, Jean-Claude (Org.). *L'autiste, Son Double Et Ses Objets* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009a. P. 161-189.

DALMAZO, J. T., & Bruni, A. R. (2023). **Intervenção do Acompanhante Terapêutico em pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. Encontro, Revista de Psicologia. 15(23).

FERREIRA, Vitor Claudio p; **Gestão com pessoas: uma abordagem aplicada às estratégias de negócios**. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 260 P.

FERRARI, Márcio. **Friedrich Froebel, o formador das crianças pequenas**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/96/friedrich-froebel-o-formador-das-criancas-pequenas>. Acesso em: 26/01/2023.

FREIRE, A. M. A. (Org.). **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora UNESP, [1996] 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HARREL, Keith. **Conecte: construindo o sucesso através e pessoas, propósitos e realizações**. Rio de Janeiro: Alta books, 2011. 244 p.

JURAN, J. M., GRZYNA, Frank M. **Controle da Qualidade Handbook: conceitos, políticas e filosofias da qualidade**. Trad. de Maria Cláudia de Oliveira. São Paulo: Makron; Mc Graw Hill, 2012. 183 p.

LIMA, Agnaldo. **Como conquistar, fidelizar e recuperar clientes**. 2. ed. São Paulo:

Atlas, 2013. 135 p.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E.V. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

MOURÃO, Luciana. **O trabalho e as organizações**. São Paulo: Artmed, 2013. 695 p.

MATUOKA, Ingrid. **Como incluir o aluno autista na escola**. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/como-incluir-os-alunos-autistas-na-escola/>. Acesso em 11/09/2021.

MELLO, Ana Maria S de. **Autismo: guia prático**. 3. ed. São Paulo: AMA, 2004.

MARADINO, F. A. G. (2014). Habilidades **pré-requisitos indicadas para a atuação do acompanhante terapêutico na perspectiva analítico-comportamental**. Rev. Transformações em Psicologia, 5(1), 1-26.

OGATA, Alberto; SIMURRO, Sâmia. **Guia prático de qualidade de vida: como planejar e gerenciar o melhor programa para a sua empresa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. 178 p.

OLIVEIRA, Otavio j et al. **Gestão da qualidade: tópicos avançados**. São Paulo: Thomson, 2009. 243 p.

PESTANA, A. P. S. **Educação Ambiental e a Escola, uma ferramenta na gestão de resíduos sólidos urbanos**. Revista de Educação Ambiental, 2008.

PONSO, FRITH, Uta. **Autismo Madri**: Alianza Editorial, 2022.

RODRIGUES, Katiane. E.S. **Crianças autistas: procedimentos metodológicos a favor da inclusão escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2020.

RODRIGUES, Gilvana. N. **FORMAÇÃO E AUTONOMIA DOCENTE: desafios à inclusão na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2020.

SCHIMIDT, Andreia C. Marin. **Administração financeira**. São Paulo: DCL, 2013. 240 p.

SILVA, Taís da. **Atividades lúdicas**. Disponível em: Acesso em: 18 janeiro 2014.

SANTOS, José Ivanildo Ferreira dos. **Educação Especial: inclusão escolar da criança autista**. Editora All Print. São Paulo - SP, 2011.

SANTOS, Elaine; BARBOSA, Fernanda; PIMENTA, Paula. **Inclusão Escolar: em busca da emancipação do desejo**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, fev. 2018.

SCHEUER, Cláudia. **Distúrbios da linguagem nos transtornos invasivos do desenvolvimento**.

SERRA, Dayse Carla Gênero. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos**. Dissertação. Programa de pós-graduação em Educação. Centro de Ciências e Humanidades. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular - Entenda o Autismo**, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

SPECTOR, Paul. E. **Psicologia nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2009. 220 p.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 2 edição. São Paulo. 2007.

VIEIRA, Roberto. Fonseca. **Comunicação organizacional**. São Paulo: LTDA, 2009. 66 p.

ZANELLI, José Carlos. **Estresse nas organizações de trabalho: compreensão e intervenção baseadas em evidências**. Porto alegre: Artmed, 2010. 125 p.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação na UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/CCSST. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora SIMONE REGINA OMIZZOLO, cujo objetivo é Discutir as práticas educativas pedagógicas utilizadas pelos profissionais da educação infantil em crianças em TEA.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 30 minutos.

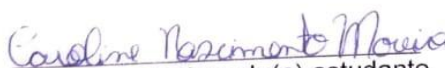
A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

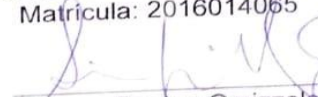
Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) fone (99) 98124-7772 ou pela UFMA.

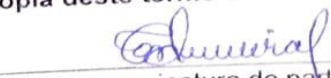
Atenciosamente


Nome e assinatura do(a) estudante
Matrícula: 2016014065

Imperatriz 18/04/2023
Local e data


Simone Regina Omizzolo
Matrícula: 407688

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.


Nome e assinatura do participante

Imperatriz 18/04/2023
Local e data